

TISANAS, CATAPLASMAS E CHÁS: AS PRÁTICAS ANCESTRAIS AFRICANAS E O COMBATE AS DOENÇAS EM DESTERRO (SC) MEADOS DO SÉCULO XIX VERSOS O MODERNISMO E O SABER CIENTÍFICO.

Adriana Maria de Souza da Silva¹
Folster9@gmail.com

O objetivo deste trabalho é abordar as práticas e conhecimentos ancestrais das populações afrodescendentes, especialmente as praticadas por mulheres entre 1845 e 1888 em Desterro (SC). Período este, em que se constituem códigos de conduta a partir do olhar médico higienista, com a intenção de controlar as populações pobres e, conseqüentemente, as chamadas práticas de cura desenvolvidas pelas populações de origem africana.

O Império e o início da República, com seus ideais de modernização, higienização e combate à insalubridade, pautados no saber absoluto da medicina, também travaram luta contra práticas chamadas de feitiçarias. Sendo assim, pretendo abordar os conhecimentos ancestrais praticado por mulheres africanas, crioulas ou pardas com o objetivo de combater as doenças que assolavam a capital catarinense em meados do século XIX, ao mesmo tempo o embate dessas mulheres com os homens representantes do modernismo e conhecimento científico.

¹Historiadora e mestranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP.

Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Afrodescendentes – NEAB/UDESC e membro do GT da Saúde da População Negra de Santa Catarina e pesquisadora associada ao Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora – CECAFRO/PUC.